



Senado Federal

Acir Gurgacz

Senador



100 anos da Comissão Rondon

Brasília - DF



SENADO FEDERAL
SENADOR ACIR GURGACZ

100 ANOS DA COMISSÃO RONDON

BRASÍLIA – DF

COLABORAÇÃO:

Abnael Machado de Lima
Jerônimo Garcia de Santana

APRESENTAÇÃO

Acir Gurgacz nasceu em Cascavel, no Paraná, em 25 de fevereiro de 1962. Na década de 70, migrou para Rondônia junto com os pais, Assis e Nair Gurgacz.

Na ocasião, a empresa de ônibus da família, a União Cascavel, passou a operar linhas entre Cascavel e Porto Velho. Essa ação foi de fundamental importância para a formação do Estado de Rondônia e para a colonização do Norte do País.

O empresário Acir Gurgacz ingressou na política no ano de 2000, ao vencer as eleições para a Prefeitura de Ji-Paraná, em Rondônia, com 70% dos votos. Em 2006, Acir disputou uma vaga ao Senado Federal, obtendo 210.531 votos, e foi diplomado senador pelo TRE-RO.

Atualmente, o Senador Acir Gurgacz é também o presidente do Partido Democrático Trabalhista (PDT) em Rondônia.

INTRODUÇÃO

Rondônia é um Estado brasileiro que tem uma história de bravura e perseverança, cujo personagem principal é um símbolo para todo o Brasil. O Marechal Cândido Rondon foi responsável pelo desbravamento do Oeste do País, levando comunicação, estradas e civilização para pontos isolados em meio à selva. Fez isso à frente da Comissão Rondon, que este ano completa 100 anos de sua execução, prestando serviços relevantes em favor da Pátria.

A pujança de Cândido Rondon se mede não apenas pelas suas ações, na primeira metade do século passado, mas também por suas palavras determinadas, registradas pela História, que denotavam com precisão o tipo de homem, de pioneiro e militar que era. Um exemplo é quando foi chamado para reunião com o Presidente Afonso Pena. Na ocasião, o presidente, abordando-o sobre a possibilidade de empreender a incursão na Amazônia, questionou: “acha exequível semelhante projeto, naquelas zonas despovoadas de recursos próprios?” Rondon imediatamente respondeu: “é só querer.”

Direto, corajoso e perseverante, Cândido Rondon marcou a história de meu Estado e do Brasil. Sua atuação merece homenagens neste e nos próximos anos.

PRONUNCIAMENTO

Senhor Presidente, Senhoras Senadoras, Senhores Senadores, é com muita honra que ocupo essa tribuna para homenagear a Comissão Rondon, que neste ano completa 100 anos, conforme publicou o jornal *Alto Madeira* na sua edição de 19-1-2010, numa série de artigos subscritos pelo Professor Abnael Machado de Lima com o título: "Cem anos da Comissão Rondon no Espaço Geográfico Atualmente Limitado pelo Estado de Rondônia 1909/2009". Essa Comissão teve início no dia 31-12-1909. Até então o General Rondon havia construído linhas telegráficas do Triângulo Mineiro até Cuiabá inicialmente como auxiliar do General Carneiro.

Depois desse projeto de linha telegráfica, assumiu o lugar do General Carneiro. Teve uma grande luta para levar a construção da linha telegráfica do Araguaia até Cuiabá, notadamente pela limitação de recursos. Ele praticamente usava como sistema de transporte o lombo de burro. Pode-se imaginar o grande sacrifício que era esse trabalho. De Cuiabá foi levada a linha telegráfica até Corumbá – MT. Quando o General Rondon chegou com a linha telegráfica ele cumpriu uma etapa do programa.

Recolheu-se ao Rio e estava descansando, tinha outros projetos em mente para desenvolver, inclusive havia sido convidado pelo então Ministro da Agricultura, Lauro Müller, para construir o Porto de Corumbá. Isto é narrado por Rondon através da obra de Esther de Viveiros denominada *Rondon conta sua vida*. A seguir, discorro parte do texto:

“Quando me recolhi ao Rio de Janeiro, por haver terminado a construção da rede telegráfica nas fronteiras paraguaias e bolivianas (1900 a 1906), já encontrei a notícia de que seria eu encarregado de uma Comissão ainda mais difícil. Desde 1892, vinha Francisco Behring clamando pela extensão das linhas telegráficas ao vale amazônico, como de vital importância. E a crise passada viera acentuar a necessidade de levar as comunicações, por meio dos sinais Morse, até aquelas longínquas paragens.

Planejava o Presidente Afonso Pena a execução de medidas que consolidassem a incorporação ao Brasil dos territórios ao Acre, do Purus e do Juruá. E desejava que a tomada de posse desse sertão fosse feita dentro de um ponto de vista que, aliás, foi sempre o meu: serem a exploração científica do território e a sua incorporação ao mundo civilizado elementos convergentes de um só objetivo. Assim, os trabalhos de reconhecimento e determinações geográficas, o estudo das riquezas minerais, da constituição do solo, do clima, das florestas, dos rios caminhariam, *pari passu*, com os trabalhos da construção da linha telegráfica, do traçado de estradas de penetração, do lançamento de futuros centros de povoação, da instalação das primeiras lavouras e dos primeiros núcleos de criação de gado. Só assim pudera eu, na exploração anterior, entregar à Pátria não só um território até aí desconhecido como também as populações desse território já mansamente afeiçoado à nossa gente, aptas para prosseguir espontaneamente na sua evolução.

Mandou o Presidente Afonso Pena chamar-me e expôs em largos traços o que se pensava.

– Acha exequível semelhante projeto, naquelas zonas despovoadas de recursos próprios?

– É só querer, respondi.

– Pois eu quero, e confio-lhe a execução desse trabalho, como plenos poderes, tratando o senhor do assunto diretamente comigo.

Havia eu recebido dois convites: um do Dr. Teixeira Soares, para estudar o traçado do prolongamento da Estrada

de Ferro Noroeste do Brasil, de Jupiá a Cuiabá; o outro do Dr. Calmon, então Ministro da Viação, para a construção do porto de Corumbá. Preferi a tarefa mais árdua, a que me confiava o Presidente, uma linha tronco de Mato Grosso ao vale do rio Madeira, a ser estendida a Manaus, ao Acre, ao Purus e ao Juruá.

É que o ponto de vista do Presidente Afonso Pena era o meu – o único que poderia impedir, na penetração das terras dos índios, as calamidades que caem sobre as populações locais, quando a territórios chegam estradas ou quando neles se realizam explorações.”

Com o apoio do Presidente Afonso Pena, a linha telegráfica foi concluída de Porto Velho a Cuiabá pela Comissão por ele criada denominada “Comissão Rondon”. É preciso destacar que a Comissão Rondon foi uma obra criada pelo Presidente Afonso Pena e executada pelo General Rondon, com sacrifício e muito sofrimento. O General Rondon como executor da obra merecidamente foi muito homenageado e lembrado e o Presidente Afonso Pena, totalmente esquecido.

Senhor Presidente, Senhoras Senadoras, Senhores Senadores, a homenagem feita por Rondon e as lembranças devem ser estendidas ao Presidente Afonso Pena, nesse momento também o homenageio. É preciso destacar e situar no tempo em que a Comissão Rondon foi criada o grande mineiro Afonso Pena. Com sua visão de estadista, teve o alcance de conceber a busca da integração do País pelo que havia de moderno na época. A região do Juruá-Purus, bem como o Estado do Amazonas, na época eram totalmente isolados do resto do País. Se houvesse uma invasão estrangeira nessas áreas, a capital do Rio de Janeiro não ficaria sabendo.

Como uma viagem da região de fronteira do Peru e Bolívia ao Rio de Janeiro levava meses, Afonso Pena teve a visão de buscar e encurtar as distâncias da região de fronteira com o Rio de Janeiro. É preciso assinalar que o projeto Afonso Pena com a Comissão Rondon foi tão grande e importante como foi o

projeto de construção de Brasília em épocas recentes. Também um grande projeto incentivado pelo Governo Vargas através de uma meta denominada “Marcha para o Oeste”. Nela temos a operação executada pelo então Ministro João Alberto de Barros, que através da Fundação Brasil Central promoveu a grande e histórica missão denominada “Expedição Roncador-Xingu”.

Essa expedição foi chefiada pelo Ministro João Alberto Lins de Barros. A ela passou integrar os irmãos Villas Boas, Orlando e Cláudio, que fizeram um grande trabalho de pacificação indígena, principalmente dos índios xavantes. O sertanista Orlando Villas Boas em data recente escreveu um livro denominado *Marcha para o Oeste*, onde descreve todo o trabalho de penetração na região do Xingu entrando pelo rio Kuluene. Foi uma obra visitada pelo Presidente Getúlio Vargas. Um grande número de campos de pouso foi construído pela equipe Villas Boas nas margens do rio Kuluene, e os aviões da FAB davam plena assistência aos expedicionários.

Essa expedição está bem relatada pelo ex-expedicionário Acary de Passos Oliveira no livro que ele escreveu contando a história da Expedição histórica Roncador-Xingu. Nessa história da “Marcha para o Oeste” também se insere a construção de Goiânia, que foi muito apoiada pelo Presidente Getúlio Vargas prestigiando o seu companheiro da Revolução de 30, Pedro Ludovico Teixeira, que fez um grande trabalho em Goiás, transformando e tirando o Estado do grande atraso que vivia.

Também nesse contexto da “Marcha para o Oeste”, foram criados os territórios federais em 1943. É preciso destacar e homenagear o grande Presidente Afonso Pena. Em Rondônia deveria ter monumentos homenageando todos os grandes brasileiros que apoiaram a colonização da região – Afonso Pena, até aqui esquecido, General Rondon, que construiu a linha telegráfica Cuiabá ao rio Madeira, Getúlio Vargas, que desenvolveu o seu programa “Marcha para o Oeste”, que criou os territórios e, mais recente, o Presidente Juscelino Kubitschek, que construiu a rodovia Brasília–Acre, ou BR-029 na época, sendo que a

Brasília–Acre beneficiou o território de Rondônia de Vilhena a Abunã, com mais mil quilômetros de extensão.

O que é preciso destacar tanto quanto a Brasília–Acre na época foi a linha telegráfica que beneficiou a região do Guaporé. Rondon defendia as obras da linha telegráfica que sempre eram atacadas pela oposição e a imprensa do Rio, que bradava contra as despesas elevadas da referida linha telegráfica. Rondon, que era um nacionalista e desenvolvimentista, pregava que a linha telegráfica iria trazer para a região por ela beneficiada progresso, desenvolvimento, povoamento, pois a região era totalmente desabitada e desconhecida.

Era o que muita gente lembrava na época: que era um sertão bruto e selvagem. Com várias tribos de índios rebeldes que nas obras de implantação das telegráficas atacaram até o General Rondon, ele que tinha o seu lema de paz: “Morrer, se preciso for, matar, nunca”. Rondon, muito combatido pelos gastos da linha telegráfica e fiel a sua convicção religiosa positivista, sempre dizia que a linha telegráfica iria levar o progresso para a região e torná-la conhecida, integrando-a ao País.

Previu mais: que no futuro em torno de cada estação telegráfica surgiriam cidades. Nós hoje temos em Rondônia a chegada do futuro, em Vilhena era uma estação telegráfica, hoje é uma grande cidade, Pimenta Bueno da mesma forma, hoje uma cidade que na época a linha telegráfica era chamada de José Bonifácio, como também em Ji-Paraná temos uma estação telegráfica chamada Afonso Pena, em torno dela a grande cidade de Ji-Paraná; em Jaru temos outra estação telegráfica em torno da mesma cidade de Jaru; em Ariquemes temos a estação telegráfica e hoje a grande cidade de Ariquemes. Rondon foi profético, estão lá ainda as estações telegráficas e as grandes cidades de Rondônia.

É com muita emoção que homenageio a Comissão Rondon, pois ela é a certidão de nascimento do meu Estado de Rondônia. A previsão desenvolvimentista do General Rondon, que ao lado de cada estação telegráfica surgiria uma cidade,

foi muito além, porque ao lado dos trabalhos da Comissão Rondon surgiu o meu Estado de Rondônia. Com toda sua pujança e suas riquezas, pois a região de Rondônia é uma das mais ricas do País, com todo o seu potencial mineral, madeireiro, e um sem-número de riquezas. A construção da linha telegráfica foi uma grande epopeia de trabalho e sacrifício, feita com os braços dos integrantes da comissão.

A malária fazia vítimas em grande número, o médico que prestava assistência que podia era o Dr. Joaquim Augusto Tanajura. Em uma de suas inúmeras missões, o Dr. Tanajura foi obrigado a deslocar-se mais ou menos 70 quilômetros para atender uma vítima de ataque indígena na região de Jurema. Tratava-se de um soldado que foi flechado no peito e dele o tratou salvando sua vida. A Comissão Rondon enfrentou grandes dificuldades dentro do próprio Exército – o Ministério da Guerra não promoveu seus integrantes, o próprio Rondon teve suas promoções sabotadas.

Foi então que ele criou o escritório central no Rio de Janeiro para apoiar a Comissão Rondon, fazendo as compras do que ela precisava, bem como divulgando o seu trabalho. O seu dirigente era o Coronel Amilcar Armando Botelho Magalhães, o grande braço direito de Rondon. Ele produzia informações e passava para as pessoas do Rio de Janeiro como os deputados, senadores, jornalistas, dando conta do trabalho desenvolvido pela Comissão. Havia setores no Rio de Janeiro que não acreditavam na epopeia da “Comissão Rondon”. Foi preciso o General Rondon se deslocar fazendo conferências para divulgar o trabalho da comissão, isso em 1910. Leio parte do texto:

“As conferências de 1910 foram um ensaio para a elaboradíssima série de conferências proferidas por Rondon no Rio de Janeiro em 1915. Retornando à capital após a inauguração da linha tronco de Cuiabá ao rio Madeira, durante uma semana Rondon falou para multidões que o ouviram de pé no Teatro Fênix. A razão oficial para o evento foi a homenagem da Sociedade Geográfica do Rio de Janeiro a Rondon. *O Jornal do Comércio* de 6 de

outubro de 1915 descreveu como deslumbrantes as festividades da noite de abertura.

Os poderosos do Rio compareceram em massa. O presidente e o vice-presidente da República, importantes generais, o prefeito do Rio de Janeiro, senadores e deputados, vários embaixadores, entre eles o dos Estados Unidos, assistiram às três conferências. Foram-lhes apresentados um espetáculo ilustrando as palavras de Rondon com uma longa exibição de *slides* e um documentário filmado pela comissão.

Essas conferências de 1915, embora as duas primeiras tivessem a expedição Roosevelt-Rondon por tema, Rondon as usou para descrever e louvar os êxitos da comissão e apregoar seu projeto de desenvolvimento. A terceira versou exclusivamente sobre as atividades da comissão, e nela Rondon pregou o evangelho da povoação e do desenvolvimento do Noroeste do Brasil. Discorreu pormenorizadamente sobre as estradas construídas pela comissão e sobre outros projetos de infraestrutura. Falou dos problemas cotidianos do projeto, mas também fez questão de sempre os associar ao objetivo maior do desenvolvimento orientado pelo Estado.

Cultivar pastagens, criar animais e aumentar a produção agrícola nas terras de propriedade da comissão eram atividades que serviriam de atrativo aos novos colonos que se dedicassem a desenvolver o sertão, para que o Noroeste brasileiro logo estivesse repleto de lavouras, fazendas de gado e outros centros dedicados à extração de recursos florestais. Em parte anterior dessa conferência, Rondon citara nada menos do que a autoridade de Theodore Roosevelt, que, segundo o conferencista, enaltecera as belezas naturais ao longo da linha telegráfica e, perspicaz como era, comentara satisfeito que a indústria humana moldaria aquela área e em breve os brasileiros estariam em condições de beneficiar-se das facilidades proporcionadas por aquele clima salutar e ameno, por aquelas terras férteis, pelas comunicações fluviais e pelo uso da quase ilimitada força hidráulica,

capaz de mover inúmeras fábricas e ferrovias elétricas, que poderiam ser instaladas quase sem problemas para fazer a ligação com Cuiabá e outros centros de comércio ou para fazer intercâmbio com o resto do mundo.”

O mais importante é que Rondon mostrava o apoio dado pela Comissão à afixação de colonos da região com aberturas de roças e a criação de animais. Era a concretização do objetivo desenvolvimentista pelo qual foi criada a Comissão. Essas conferências no Rio de Janeiro e São Paulo, vendo a linha telegráfica sendo concluída, foi o apogeu de Rondon. Foram centenas de homenagens a partir da Câmara Municipal de Santo Antônio, no rio Madeira, que outorgou a Rondon uma medalha de ouro comemorativa da conclusão dos trabalhos da linha telegráfica.

Sendo Rondon oficial legalista, não aderiu ao movimento de 1930, que derrubou o Presidente Washington Luiz. Esse movimento prendeu o General Rondon e cogitou extinguir a Comissão Rondon – os argumentos eram fortes contra a linha telegráfica. Primeiro não havia quem usasse a linha para expedir telegramas, desta maneira na relação custo benefício da linha telegráfica não alavancava dinheiro na proporção dos milhões investidos nela.

Senhor Presidente, Senhoras Senadoras, Senhores Senadores, o grande trabalho da linha era o desbravamento da região, levando a civilização para uma região isolada e totalmente esquecida, desintegrada do restante do País. Outro argumento pesado contra a linha telegráfica foi o surgimento da tecnologia, com as comunicações feitas pelo sistema de radiotelegrafia. Esse sistema tornou a linha telegráfica totalmente obsoleta. Esse fato fez com que a assistência à linha fosse abandonada. O seu pessoal foi esquecido na mata, passando fome e não recebendo os seus salários, como relata o autor Todd Diacon.

Esse trabalho representou um grande heroísmo de seus executores para em seguida ser abandonado. E Rondon, sendo perseguido pela Revolução de 30, foi ser chefe do SPI (Serviço

de Proteção aos Índios), mas a semente do desenvolvimento da região com a linha telegráfica estava lançada. Todd Diacon conclui em seu livro *Rondon Perfis Brasileiros*:

“O Legado da Linha Solitária

Aninhado entre duas movimentadas ruas do bairro carioca do Botafogo, o Museu do Índio é um lugar encantador para se estudar Rondon e seu legado. Outrora residência de um barão do café, o museu assenta-se à sombra do Corcovado. Dos portões para fora, motoristas irritados buzina impotentes contra o tráfego congestionado. Lá dentro, estudantes brincam de pega-pega enquanto esperam para visitar o acervo do museu, acompanhados pelos professores. Passarinhos fazem serenata para os estudiosos que consultam os arquivos. Nos dias quentes, funcionários e pesquisadores procuram a sombra fresca das árvores altas durante os intervalos. No inverno, descansam em bancos estrategicamente posicionados para receber a rejuvenescedora luz do sol.

Na biblioteca do museu, as prateleiras vergam sob o peso de duas coleções completas, com cerca de cinquenta volumes publicados, da Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas. Esses volumes prestam silenciosa homenagem aos grandiosos objetivos do projeto de Rondon. Estudos geográficos, relatórios de explorações de minérios, primeiras etnografias, levantamentos botânicos, relatórios médicos e atualizações gerais sobre a construção competem por espaço na estante. À primeira vista, dão a impressão de uma vital, bem-sucedida e poderosa incursão do Estado central no mais recôndito sertão do Brasil. Vistos no confortável ambiente do Rio de Janeiro e da sala de leitura da biblioteca do Museu do Índio, esses estudos fazem pensar que Cândido Mariano da Silva Rondon realmente incorporou (ou conquistou, dependendo da interpretação que se dê) terras e povos distantes.

Mas três relatórios da comissão não publicados, guardados em condições bem mais precárias a alguns quilômetros dali, no Museu Histórico do Exército, no Forte Copacabana, contam uma história muito diferente. Informando sobre o estado da linha telegráfica na década de 20 e no início dos anos 30, esses relatórios, um deles redigido pelo próprio Rondon, descrevem uma situação especialmente precária na qual a manutenção da linha não conseguiu deter o avanço incessante da selva amazônica. Em vez dos milhares de migrantes que lá estariam colonizando a região como predissera Rondon, apenas algumas dezenas de solitários funcionários do telégrafo levavam uma vida difícil, atormentados pela fome, pela doença e pelo medo de ataques indígenas. Não fosse pela linha telegráfica, escreveu um funcionário em 1932, a região seria totalmente abandonada. A ele, só restava torcer para que os líderes do País que assumiram o poder na Revolução de 30 retificassem a lamentável situação.”

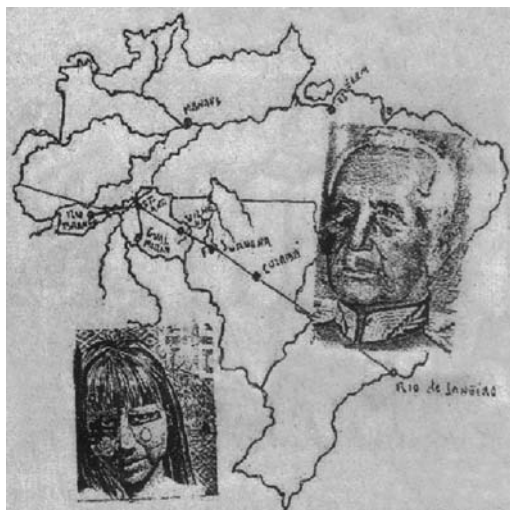
Desejo nesta oportunidade homenagear o escritor Todd Diacon, com sua obra denominada *Rondon Perfis Brasileiros*. Essa obra muda inteiramente as mentiras que eram contadas em Rondônia sobre a Comissão Rondon, aliás, as obras da Comissão Rondon e o seu grande trabalho nunca foram divulgados em Porto Velho. Os acervos da Comissão Rondon se encontram na Casa de Rui Barbosa, no Rio de Janeiro. Ninguém de Rondônia tem acesso a essa obra, ou seja, ninguém de Rondônia procura a Casa de Rui Barbosa no Rio para pesquisa e ninguém da Casa de Rui Barbosa vai a Porto Velho.

Trata-se de uma falta de divulgação completa. Caberia aos órgãos culturais de Rondônia solicitar as transferências desses acervos para o Estado, do jeito que está o acervo vai deteriorar no tempo e a falta de interesse dos responsáveis pela obra de Rondon promovendo o seu total abandono. Também o Museu do Índio localizado no Rio de Janeiro, conforme relata Todd Diacon, deveria ser transferido para Rondônia. É uma medida a qual os órgãos culturais do Estado deveriam dedicar-se. Na medida do possível eu me coloco à disposição das partes interessadas do meu Estado para transferirmos o acervo de Rondon.

Entendo que a Universidade de Rondônia deveria se interessar para transferir esse acervo do Rio de Janeiro para Porto Velho, e também o Professor Abanel Machado de Lima, que muito se interessa pela obra de Rondon, para trabalhar pela transferência do acervo de Rondon da Casa de Rui Barbosa e do Museu do Índio do Rio, conforme menciona Todd Diacon.

Senhor Presidente, Senhoras Senadoras, Senhores Senadores, o Professor Abnael Machado de Lima (membro fundador da Academia de Letras de Rondônia), profundo conhecedor da história de Rondônia, elaborou estudos sobre a Comissão Rondon, publicados no jornal *Alto Madeira*. O brilhante estudo que integra esse pronunciamento:

Cem Anos da Comissão Rondon (1909/2009)



No último dia 31 de dezembro de 2009 fez cem anos que o Tenente-Coronel Cândido Mariano da Silva Rondon, via fluvial, descendo o rio Jamari e subindo o rio Madeira chegou ao povoado de Santo Antônio, dando por concluídos os trabalho da 3ª expedição da Comissão Rondon construtora da Linha Telegráfica Estratégica de Mato Grosso/Amazonas, iniciados em 2 de junho de 1909 no Porto Telegráfico do rio Juruena.

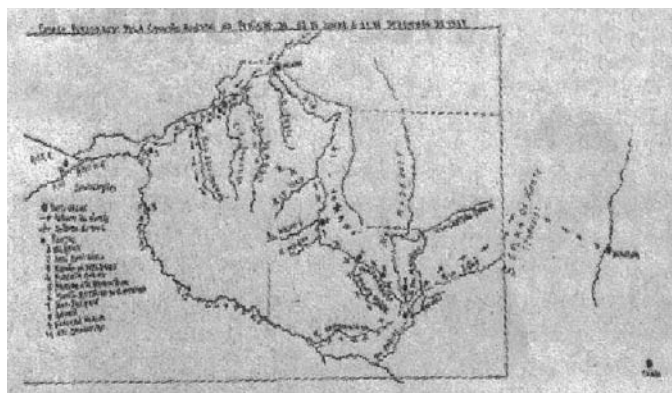
O projeto de execução dos trabalhos elaborados, com base nas cartas geográficas existentes nas quais as cabeceiras do rio Jamari localizavam-se nos Campos Gerais dos Rareeis (atual Vilhena), estabeleceu o trajeto a ser percorrido até alcançar o rio Madeira, a seguinte rota: partindo do Posto ao rio Juruena na direção do Norte, rumo à serra do Norte, desta prosseguindo até o curso médio do rio Jamari, do qual seguindo o rumo do Oeste até alcançar as cabeceiras do rio Jaci-Paraná, por este descendo até sua foz na margem direita do rio Madeira, de onde partiram ramais para o Santo Antônio do Alto Madeira, para o porto de Experidião Marques (Guajará -Mirim), Abunã e Rio Branco/AC.

A construção da Linha Telegráfica Estratégica Mato Grosso/Amazonas sob o comando do militar Cândido Mariano da Silva Rondon revestiu-se da maior relevância para o País, em termo de enriquecimento de patrimônio como também em relação às ciências enriquecendo-as com o acervo das descobertas e informações geográficas, botânicas, zoológicas, mineralógicas, pedagógicas e etnográficas levantadas e catalogadas por pesquisadores e cientistas integrados à Comissão Rondon. Esta não se restringia apenas à construção da linha telegráfica, incumbiu-se da realização de estudos dos aspectos fisiográficos, da fauna, da flora e antropológicos do espaço percorrido, tornando-se uma missão científica cujos relatórios, matérias coletados e catalogação da biota resultaram na publicação de obras científicas versando sobre: botânica, 13; hidrologia/ águas termas, 2; zoologia, 12; mineralogia e geologia, 5; e etnografia, 1. Bem como contribuindo para o aumento dos acervos dos museus especializados, repassando-lhes amostras coletadas: 8,770 na área de botânica; 41 na de mineralogia; 7.502, na de zoologia; 712, na de entomologia; e 6.082 no de etnografia. A linha telegráfica tinha por objetivo ser um instrumento de modernidade, capaz de promover o progresso e estabelecer a civilização nos mais longínquos e isolados locais do País, possibilitar o estabelecimento de núcle-

os de povoamento, garantir a segurança das fronteiras internacionais e a adoção de uma política que possibilitasse a gradativa integração dos indígenas à sociedade brasileira em igualdade, direito e cidadania. Desta forma, os trabalhos da Comissão Rondon, além de se constituírem em uma obra de grandes proporções materiais e científicas, influenciou de forma decisiva na postura e decisões adotadas pelo governo federal em relação à questão indígena.

Rondon, tendo aceito a missão pessoalmente lhe confiada pelo Presidente Afonso Pena, a qual se constituía em ligar pelo fio telegráfico o Estado do Amazonas, os Territórios do Acre, Alto Purus, e Alto Juruá, consolidando a incorporação desses últimos ao Brasil, tinha por objetivo realizar a exploração científica deste espaço e a sua incorporação ao mundo civilizado, assim, aos trabalhos da construção da linha telegráfica, traçando estradas de penetração, às instalações dos futuros núcleos de povoamento, de agricultura e de pecuária, competia promover a integração espontânea e pacífica dos povos indígenas à sociedade brasileira. Os pontos extremos da linha telegráfica seriam ao leste Cuiabá, já ligada ao Rio de Janeiro e ao Oeste Santo Antônio do Alto Madeira.

Rondon foi nomeado chefe da Comissão Construtora das Linhas Telegráficas de Mato Grosso ao Amazonas e enge-



*CEM ANOS DA COMISSÃO RONDON NO ESPAÇO GEOGRÁFICO
ATUALMENTE LIMITADO PELO ESTADO DE RONDÔNIA 1909/2009*

nheiro-chefe do Distrito Telegráfico, respectivamente nos dias 23 de fevereiro e 4 de março de 1907. A comissão foi constituída por engenheiros militares, oficiais especializados, funcionários civis dos telégrafos, trabalhadores civis e do 5º Batalhão de Engenharia, constituindo este o núcleo da tropa de serviços de construção, transporte e vigilância.

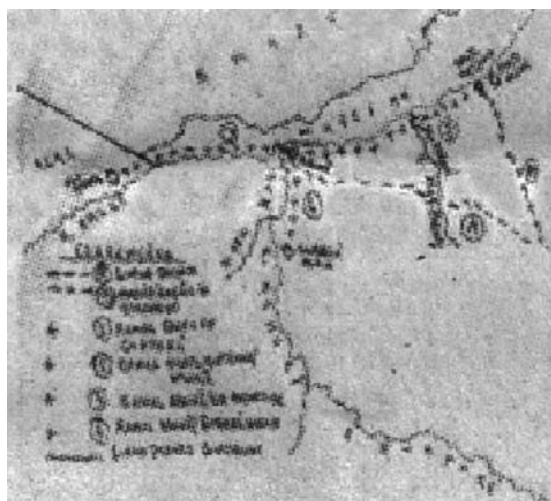
O projeto da construção dividiu os trabalhos em três seções de execução da seguinte forma:

1 – reconstrução de um ramal ligando São Luiz de Cáceres à cidade de Mato Grosso (ex-Vila Bela) na fronteira com a república da Bolívia;

2 – Construção da linha tronco de Cuiabá a Santo Antônio do Alto Madeira;

3 – Reconhecimento do sertão, estudos para fixar o traçado da linha tronco e mediações das serras da fazenda Casal Vasco, desde a serra de Aguapeí à fronteira com a república da Bolívia.

A comissão foi constituída por duas seções, a do Sul composta por 42 expedicionários, sob o comando direto do Coronel Rondon, e do Norte comandada pelo capitão de



artilharia Manoel Teófilo da Costa Pinheira, integrada por 25 expedicionários.

A primeira, tendo como principais assessores a seu comandante os seguintes integrantes: Dr. Alípio de Miranda Ribeiro, geólogo; Dr. Joaquim Augusto Tanajura, médico; os tenentes João Salustiano Lira, Emanuel Silvestre do Amarante, Alencarliense Fernandes da Costa e Antônio Pirineu de Souza, encarregados respectivamente dos serviços de observações astronômicas e de vanguarda; levantamentos topográficos; comando de comboio de reforços e do comando de um pelotão. Os índios Parecis Toloiri incumbidos dos serviços de batedor e de caçador e o Zoôlô Uaikiá, intérprete do idioma dos índios Nhambiquaras. No Posto do Juruena juntaram-se a estes os Drs. Cícero de Campos, geólogo; Hoene, botânico; Benedito Canavarro, farmacêutico; Luiz Leduc, fotógrafo; os Tenentes Vilhena e Melo, o índio Kaloi-zorecê substituindo Taloiri, vitimado de pneumonia.

Tinha por encargo realizar no espaço compreendido entre os rios Juruena e Madeira uma das partes da linha telegráficas interligando a estação do Juruena à de Santo Antônio do rio Madeira, o seu reconhecimento, abrir picadões, mapear, fazer o levantamento topográfico, hidrográfico, geológico, mineralógico, botânico, zoológico, etnográfico, astronômico e coletar amostras da biota para as respectivas instituições.

A segunda, que tinha como principais auxiliares ao Capitão Manoel Theophilo da Costa Pinheiro, o Tenente Amílcar Armando Botelho de Magalhães, o inspetor dos telégrafos Francisco Xavier Junior e o médico Dr. Paulo Fernandes Santos. Tiveram por incumbência proceder a exploração do rio Jaci-Paraná desde sua foz até suas nascentes; transportar e armazenar víveres, roupas, medicamentos e equipamentos para prestar auxílio à equipe da seção Sul, provavelmente exaurida após a longa e difícil jornada na selva percorrida. Para tanto, devia instalar acampamentos no alto de Jaci e ali aguardá-la.

Epopéia Vivida no Transcurso da Selva Amazônica

Junho de 1909

Dia 2 – Os expedicionários da Seção Sul iniciaram seu trajeto rumo à serra do Norte, saindo do Posto Juruena.

Dia 9 – Seguiam por uma trilha tendo Rondon distanciando-se à frente, surpreendeu um grupo de uns dez índios guerreiros Nhambiquaras, hostis à Comissão, caminhando distraídos em sentido contrário, em sua direção, ficaram frente a frente. Os índios pararam por um instante, afastando-se lentamente para a lateral do caminho, penetrando na floresta. A tropa ficou alarmada, visto na expedição do ano de 1907 terem sido atacados por esses índios.

Dia 11 – Acamparam na margem do rio Nhambiquara, neste chegaram dois soldados trazendo correspondências do Posto de Juruena. Das notícias recebidas, havia o triste comunicado da morte do índio Toloiri, prestimoso e eficiente guia das expedições de 1907 e 1908, amigo distinguido por Rondon.

Dia 12 – Continuando a marcha, avistaram a serra do Norte, alcançando Campos Novos, último acampamento da 2ª expedição de 1908. Encontraram os suprimentos de víveres constituídos de conservas enlatadas e outras não perecíveis que haviam deixado enterrados, assim como os sete bois esqueléticos e exaustos que aí ficaram, apareceram restabelecidos, gordos e bem nutridos, mediante o que Rondon resolveu instalar uma fazenda, escolhendo uma elevação rodeada de nascentes com fartas águas. Sobre esta construiu um barracão para a sua sede, balizando o local com o nome de Veado Branco, designando seu administrador, o inspetor Severino Godofredo de Albuquerque auxiliado por dez trabalhadores para o manejo do gado (40 bois, 21 burros, três cavalos) e mais os mandando vir de Cuiabá e fazerem plantio de cereais, legumes e mandioca, com a recomendação de conquistarem a amizade dos indígenas.

Dia 20 – Reiniciaram a marcha atravessando a densa floresta abrindo caminho a terçado. A longa caminhada de intenso trabalho e estafante cansaço durou nove dias.

Dia 29 – Chegaram ao cimo da serra do Norte, acamparam na cabeceira de um rio dando-lhe o nome de Comemoração de Floriano e ao topo do chapado no qual se desdobravam, para satisfação de todos, imensos campos, sendo denominado "Vilhena" em homenagem a Álvaro Coutinho de Vilhena, engenheiro chefe da Carta Telegráfica da República e Diretor-Geral dos Telégrafos (1900/1902), falecido em 1904, na cidade de Fortaleza/CE. A expedição chegava no atual espaço físico limitado pelo estado de Rondônia. Local exuberante, muito frequentado pelos índios Parecis em suas caçadas. No imenso campo de gramíneas forrageiras, soltaram os cansados bois depauperados quase sem condições de se locomoverem.

Dia 30 – Receberam notícias do Posto Juruena comunicando o falecimento dos engenheiros Cícero de Campos e António Lins, vitimados por beribéri, e a do Presidente da República, Dr. Afonso Pena, protetor da Comissão de Linhas Telegráficas.

Neste mesmo dia, encontraram pela frente a densa floresta, exploraram-na em três direções. O tenente Lira, rumo a Oeste; o índio Kaluizorceê, rumo ao Sul; e o Coronel Rondon, rumo ao Norte em busca de encontrarem seu término, seguido de vegetação campestre, exploração em vão, a floresta era contínua, sem fim. Desistiram retornando ao acampamento, ao qual a noite chegou um estafeta do Veado Branco, trazendo uma carta do fotógrafo Leduc comunicando que o soldado Rosendo havia sido gravemente ferido por uma flecha dos Nhambiquaras.

Julho de 1909

Dia 1º – Dr. Tanajura acompanhado por três soldados seguiam para Veado Branco, a fim de socorrer o soldado Rosendo, com grave ferimento aberto em seu peito por uma flecha, que por pouco não atingiu o pulmão. A competência e dedicação do médico lhe salvaram da morte.

Dia 2 – Continuaram a exploração da floresta, o que exigiu estafante trabalho, acamparam à noite no local alcançado. O tenente Lira atingiu 14 quilômetros de reconhecimento e o tenente Amarante 50 quilômetros chegando a um rio desconhecido, o denominando Piroculuina. Encontravam muitos vestígios de índios.

Dia 8 – O Tenente Lira mandava informar ao comandante que se encontrava a 30 quilômetros do acampamento dentro de densa e interminável floresta constituída por árvores gigantescas e que os trabalhadores estavam esgotados. Rondon concluiu que não encontrariam novos chapadões de campos gerais no rumo do Oeste, que a floresta se estenderia até o declível da vertente principal do vale do rio Guaporé, se intercalando com os campos alagadiços situados entre os rios Corumbiara e Cabixis.

Dia 19 – Em exploração rumo a Noroeste, saíram do acampamento de comemoração Rondon, Leduc e Dr. Miranda Ribeiro, avistaram nitidamente o divisor de águas entre o rio Guaporé e o rio que na carta geográfica constava com o nome de Jamarí, coberto pela densa floresta. Sendo decidido mandar suspender a abertura de picadões naquela direção.

Dia 27 – Esses três e mais cabo Lúcio penetraram na floresta seguindo por uma trilha de 51 quilômetros aberta pelo Tenente Lira e Amarante. Acamparam na margem de um rio dando-lhe o nome de Veado Preto.

Dia 28 – Atravessaram os rios Alataguiri-Suê e o Zolózôlô-Suê.

Dia 30 – Chegaram na pousada do tenente Amarante seguindo todos em busca do Tenente Lira.

Dia 31 – Ao encontrá-lo fizeram a avaliação das explorações realizadas as quais abrangiam um grande círculo fechado que atravessava duas vezes o rio Piroculuina e chegava a vertente Oeste da serra dos Parecis, no rio Branco afluente do Guaporé.

Agosto de 1909

Dias 1º a 11 – Decidiram estabelecer outro acampamento no local ao qual denominaram Uruçu, para base das excursões de reconhecimento. Em uma destas descobriram no paralelo 12°39'1" um módulo com nascentes de vários cursos d'água divergindo em diferentes direções, o denominaram cabeceira de Uru. Decidiram descobrir a qual bacia pertencia cada um dos rios encontrados, se a dos tapajós, a do Guaporé, a do suposto Jamari.

Obs.: Rios com nascentes em Uru são: O Iquê, subafluente dos Tapajós; Tenente Marques, subafluente do Roosevelt; Comemoração de Floriano e Pimenta Bueno, formadores de Ji-Paraná; Barão de Melgaço, afluente do Ji-Paraná; Branco; Corumbiara e Cabixi, afluentes do Guaporé; Roosevelt, afluente do Madeira.

Elaborar o mapeamento e definir a rota que conviria a expedição a seguir.

Dia 12 – Os trabalhos de exploração foram divididos em três turmas: uma comandada pelo Tenente Lira procederia na direção Leste; a segunda sob o comando do Tenente Amarante na direção Norte; a terceira comandada por Rondon encarregada de fazer o levantamento do vão encerrado pelas florestas que descreviam grandes curvas do Sul pra Norte e para o Nordeste.

Dia 16 – Encontraram um rio com 12 metros de largura, segundo opinião do Tenente Lira, que era afluente do Guaporé, do que discordava Rondon, achando ser um dos formadores do rio Jamari de acordo com a posição que se encontrava nos mapas que utilizavam. Não houve consenso, o denominaram, então, rio da Dúvida. Concluídas essas explorações foi definido que a rota a seguir seria pelo divisor de águas Comemoração de Floriano/Dúvida, atravessando o vale deste último, seguindo o rumo Noroeste, até o meridiano de 26º, no paralelo 11º, deste tomando a direção do Oeste, descendo pelo vale do rio Jaci-Paraná, até encontrar a expedição da Seção Norte do Capitão Costa

Pinheiro, juntando-se o pessoal das duas seções, prosseguiram descendo o rio Jaci-Paraná até a sua foz na margem direita do rio Madeira.

Dias 18 a 27 – Estabelecido um roteiro rumo ao Norte, os expedicionários deixaram os acampamentos do Comemoração e de Uruçu, após 50 dias de trabalho preparatórios para a definição a seguir. Além do levantamento geográfico, concluíram que aí terminavam os Campos Gerais do Parecis (Vilhena), e começava uma exuberante floresta abundante em seringueiras, variadas palmeiras e gigantescas árvores de madeira de lei. A fauna rica em pássaros coloridos, onças, veados, porcos, macacos, pacas, cotias, tamanduás, quatis e outros animais de pequeno porte. Os bois cargueiros estavam exaustos e desnutridos, obrigando os expedicionários a abandonar os apetrechos que não eram essenciais.

Dia 21 – Retomaram a marcha rumo ao Norte, encontravam-se a 178 km de Juruena.

Dia 28 – Encontraram uma área alagadiça na qual se originavam vários cursos d'água, ali se detiveram até o dia 30.

Dia 31 – O Tenente Lira que seguia na dianteira descobriu um vastíssimo campo no qual os expedicionários acamparam, sendo a ele dado o nome de Campo dos Palmares de Maria Molina. Ali soltaram os bois cargueiros já quase sem terem condições de se locomoverem. Daí em diante o que lhes era essencial conduziam nas costas em suas mochilas.

Setembro de 1909

Dias 1º a 13 – No percurso realizado nestas duas semanas encontraram muitos vestígios de índios e malocas recém-abandonadas. O Tenente Lira por acaso fez o primeiro contato com os parecis. Encontrou uma índia conduzindo uma criança, tentaram se falar, mas não conseguiam se entender, visto que o índio intérprete não conseguia traduzir o que ela falava. Continuaram a marcha e começava a faltar alimentos, Juruena local

de abastecimento já se encontrava a centenas de quilômetros de distância.

Dia 14 – Passaram por uma aldeia de índios que estava desabitada. O que chamou a atenção foi o formato cônico das construções cujo esteio central com ponta terminal em forquilha ultrapassando a cobertura, destoava inteiramente dos formatos das habitações dos indígenas da América do Sul, se assemelhando às palhoças africanas, conjecturando Rondon, que esses índios tenham imitado o formato de habitações do quilombo do rio Quaritezê (Piolho), dos negros fugidos das minas de ouro do Guaporé, na segunda metade do século XVII (1795).

Dia 17 – Reencontraram o rio Comemoração no seu baixo curso.

Dia 21 – Encontraram um volumoso rio, deram o nome de 21 de Setembro.

Dia 28 – Descobriram mais um rio, o qual denominaram Barão de Melgaço. O leito destes dois rios apresentavam grandes camadas de cascalhos auríferos, sinal da existência de abundantes jazidas de ouro. Rondon deduziu ser este o sítio das celebradas Minas de Urucumacã.

Outubro de 1909

Dia 11 – Estavam a 354 quilômetros distante de Juruena a 18°7'00" de longitude Ocidental e 11°49'15" de latitude Sul, descobriram um rio, o denominando Pimenta Bueno, constataram que era o rio com nascente no nódulo de Uru, que haviam denominado Piroculuino.

Dia 12 – Foi construída uma canoa de 10 metros de comprimento e 1,50 metros de boca, para descer e explorar o Pimenta Bueno, sendo destacados 14 dos expedicionários para esta missão, iniciada dia 13, ficando com Rondon os 28 restantes, o que facilitaria se alimentarem com recursos fornecidos pela floresta, e os primeiro pelos obtidos do rio.

Dia 23 – Chegou o Tenente Alencarliense com o que restou dos víveres conduzidos pelo comboio de socorro aos expedicionários, pois mais da metade da carga foi sendo abandonada pelo caminho, conforme os animais cargueiros iam caindo de cansaço e fome no percurso de Juruena a Pimenta Bueno, onde chegaram os soldados e seu comandante, carregando os fardos restantes nas costas. A expedição foi dividida em três colunas, a primeira comandada pelo Tenente Alencarliense auxiliado pelos doutores Miranda Ribeiro e Augusto Tanajura, para fazer o levantamento do rio Jamari o qual configurava nas cartas geográficas como afluente do Pimenta Bueno. A segunda dirigida pelo Sargento Idalécio Rondon para regressar ao Retiro do Veado Brando e ao Juruena recolhendo os animais, víveres e materiais abandonados ao longo da picada e a terceira sob o comando do Coronel Rondon, para prosseguir o reconhecimento rumo o Norte/Oeste. Esta foi dividida em três seções, uma comandada pelo Tenente Lira, encarregada da abertura de picadas, outra dirigida pelo Tenente Amarante, encarregada de fazer o levantamento e a última comandada pelo tenente Pirineus, para fazer os serviços de intendência de carregadores. Esta coluna avançando penosamente para o Madeira, sempre em meio à floresta, no período de 23 de outubro a 12 de novembro, descobriram vários cursos d'água dando aos de maior destaque os nomes de Luís de Albuquerque, António João de Moura, Lacerda e Almeida, Luís D'Alincourt e Ricardo Franco, julgando todos serem afluentes do Jamari, devido a erros das cartas geográficas. Na realidade eram todos afluentes da margem esquerda do Ji-Paraná.



Senador Acir Gurgacz (PDT-RO)

www.acirgurgacz.com.br

Ala Senador Teotônio Vilela, gab. 19, Senado Federal - Praça dos Três Poderes - Brasília DF CEP 70165-900